

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesse.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

A grande epopeia dos descobrimentos e das conquistas

A história dos descobrimentos e das conquistas derivou, entre nós, do espírito aventureiro e audacioso dos nossos egrégios avoengos.

É uma verdade incontestável.

Os mares nunca dantes navegados seduziam-nos. Depois da ingente e brilhante batalha rial de Aljubarrota que foi a mais preciosa gema com que o intrépido Condestável D. Nun'Alvares marchetou o diadema do Mestre de Aviz, Portugal tinha que caminhar ovante, forte e impávido na conquista de arrojados cometimentos.

Precisava de glorificar mais ainda a sua raça com honra e de nodos, ainda que para tal fôsse necessário derramar copiosamente o seu sangue.

A Pátria queria expandir-se, num grande prolongamento de territórios, de descobrimentos e de conquistas. O esforço persistente e tenaz dos cavaleiros dos primórdios da nossa nacionalidade exigia continuadores intemeratos que, acicatados pelos exemplos do passado, se abalançassem à conquista da vitória que lhes desse a prosperidade a que tinha incontestável jús.

Olhou-se para o mar. Mas este era uma incógnita. A sortida seria arriscada. O português, contudo, não podia estar quedo. Tinha necessidade de agir quanto antes, pondo à prova a sua destimidez e o seu arrojo.

A arte náutica, dimanada de Sagres, já era por êle bastante conhecida. O Infante D. Henrique lha proporcionara, com os conhecimentos obtidos no Livro das Maravilhas do veneziano Marco Polo e outros meios.

E lá vão as nossas caravelas a caminho do além-mar, para essas longínquas paragens, em demanda de novos horizontes, num heróico esforço de grandeza e ambição muito justificadas.

Não era nosso fim somente descobrir, mas também conquistar, porque esta nação embora ainda pequena em território, já era grande em valor, em audácia e em energia varonil.

Portugal, desde quasi os seus primeiros anos de existência, nos reinados dos reis Lavrador e Africano, que pensou e até se entregou a empreendimentos marítimos em África. A História pátria no-lo diz em suas brilhantes páginas.

As datas de 1418, 1419, 1432, 1434, 1436, 1441, 1472, 1487 e 1497 indicam outros tantos descobrimentos; são outros tantos padrões do muito que fizemos, devido ao nosso espírito aventureiro e esforçado.

As armadas portuguesas, avançando na vanguarda da civilização europeia, vão disputar ao árabe soberbo e sagaz o seu predomínio nos mares.

É este povo que nao contava mais de 2 milhões de almas, entre as quais existiam marinheiros ousados, produz uma transformação geográfica sem igual na história de todos os tempos.

A grande cruzada dos descobrimentos termina com a primeira viagem de circumnavegação do globo por Fernão de Magalhães em 1520 que, vindo do estreito do seu nome, passa ao oceano Pacifico.

Assim o esforço heróico deste povo dignificou a sua raça. Foi devido a êle que os navegantes e guerreiros portugueses escreveram em cintilantes caracteres uma das páginas mais belas da sua história. Foi devido a êle que conseguimos esse ingente império colonial, do qual a exposição do Pôrto nos fala como um volumoso livro aberto, onde se lê a grandeza e o valor dos nossos antepassados, auxiliados e desenvolvidos pelos nossos contemporâneos que não se têm poupado a trabalhos e até a sacrificios para lhes dar prosperidade e maior expansão.

A Exposição Colonial Portuguesa, que distingue a laboriosa cidade do Pôrto, apresenta — além de um alto significado internacional — um valor de grande alcance social e político.

Nenhuma cidade haverá, na verdade, tão própria para este inteligente certame de actividades, como a invicta pátria do infante de Sagres, o inclito propulsor dos descobrimentos.

Sinceras homenagens, pois, a todos quantos com afinc., ternura e carinho trabalharam para realizar tão auspiciosa e patriótica idéa.

P.º ALBERTO GONÇALVES.

O desemprego

De entre os vários factores que contribuem para a anormalidade da vida dum povo, está, em primeiro lugar, o desemprego. Vários países da Europa, como, também, de outras partes do mundo, têm encontrado sérias dificuldades no que diz respeito à solução deste assunto, que é, de facto, muito delicado. Em Portugal, onde o número de desempregados atinge, ainda, uma percentagem bastante elevada, regista-se, actualmente, a crise do emprego, circunstância esta que dia a dia agrava as múltiplas dificuldades da luta pela vida. Se

as medidas tomadas até hoje não têm produzido os efeitos desejados, tantas são as causas agravantes a resolver, há que tomar outras providências de modo a conseguir-se a colocação de tantos e tantos desempregados, alguns dos quais com grandes responsabilidades de família. Não será fácil, pelo menos de momento, encontrar uma solução que reduza a zero o número dos desempregados, mas também não será difícil melhorar a situação em que muitos se encontram, uma vez que dentro de cada concelho se aproveite, tanto quanto possível, em benefício dos que não têm trabalho, a verba destinada ao fundo do desemprego. Isso depende, muito principalmente,

Ferros Curtos

O Eterno Drama

*Por uma questão de namôros, envolveram-se em desordem em Infias, António Lopes da Cunha e Joaquim Lopes de Freitas, ambos solteiros, os quais, agredindo-se, ficaram gravemente feridos. Recolheram ao Hospital.

(Dos jornais).

Foi um duelo sangrento, Esse, realizado há dias, cujo palco teve assento Na freguesia de Infias!

As personagens perfeitas São duas, sem testemunha: Joaquim Lopes de Freitas E António Lopes da Cunha.

Tema — questões de namôro... Conquista de rapariga... Acto único — o desajôro, Sem respeito de barriga...

Agridem-se mutuamente, E á porfia cada qual, Retulham-se horrivelmente, Numa sangria geral.

O resultado, depois, Do encontro rubro e fôrte? Caídos, gemem os dois; E em frente dêles — a morte.

Comentário de um soldado Que leu o drama às cachopas: — Tanto sangue derramado Por causa de um az de côpas...

E, sem os olhos erguer, Diz uma delas: — Pois acha? E' p'ra que jique a saber O quanto vale uma racha...

BANDARILHEIRO.

ESCOLAS DA V. O. T. DE S. FRANCISCO

Mais uma vez, estas antiqúissimas Escolas, tão sábiamente dirigidas pelo respeitabilíssimo professor-director, sr. José Maria Félix, firmaram bem os seus bons créditos.

Este ano, o inteligente professor sr. Félix, que á causa da Instrução tem prestado valiosíssimos serviços, apresentou a exame de 2.º grau 13 alunos, dos quais, nove ficaram distintos, e quatro, aprovados.

Justo era que o Estado oficializasse ou subsidiasse as referidas Escolas.

da iniciativa e da boa vontade das entidades oficiais, que devem prestar todo o auxílio aos indivíduos que se encontrem nas condições acima referidas. Para isso, é necessário que as respectivas Autoridades estudem o processo de atender os mais necessitados, atendendo — como não pode deixar de ser — à categoria de cada um, visto que todos têm direito à vida. Desta forma, desaparecerá, embora lentamente, um dos flagelos da sociedade, porque nenhum pode haver maior do que aquele que se relaciona com a falta de trabalho, que é o mesmo que dizer-se com a falta de emprego. As pessoas que vivem, única e exclusivamente, do seu trabalho, apenas podem encontrar duas soluções para vencerem as grandes e angustiosas consequências de uma infinidade de contratempus que encontram na espinhosa missão da luta pela vida. Estas duas soluções são: Ou trabalhar ou pedir uma esmola.

Fora disto, não encontrarão outros recursos dignos de quem pretende viver com honestidade. Perante estas ligeiras considera-

ções — e elas nada mais traduzem do que o pensar de quem deseje o bem-estar do seu semelhante — constata-se que o desemprego é uma das partes activas da infelicidade que, directamente, invade muitos lares, transformando em penoso martírio a vida daqueles que são vítimas da falta de colocação, inibidos, assim, de ganharem para o seu sustento e para o dos seus. Contra esta verdade, todos os argumentos fallham.

RAMIO.

Sombras...

A U. L. B.

Amo a Loucura. A Loucura é a irmã meiga e querida da Humanidade, e se nas suas eternas e generosas lamentações não existisse o vago sentimento da Beleza — anda ela envolta no manto da Dor, a única e suprema aspiração espiritual do desgraçado que luta, geme, sofre, à mingua da esmola que uma alma caritativa lhe dê. Acima da luta brutal em que os homens se debatem, da agonia lenta daquele que vê chegar o seu último momento, e num rápido reflexo de memória, procura o espelho de toda a sua vida; existe a eterna Beleza, que é dor, que é saúde, que se vislumbra pelos vitrais dum constante aperfeiçoamento, em que o místico pede a Deus, indefinidamente a Deus, a felicidade que sente fugir...

O equilíbrio de nervos, o sentimento de uma vida normal, a alma do homem que trabalha em movimentos reflectidos e que ao pôr do sol apenas procura e encontra o seu repouso suave e sereno: — não se compadecem com a agitação, a vibração, o mal de viver, que atingem o pintor, o poeta, o sentimental, que pondo em jôgo a sua fantasia, a volubidade do seu espirito, vive desordenadamente, na sua ansia constante de sonho, de desejos esboçados de Tortura: — Toda a máxima expansão dum vida inquieta.

A alma humana tem o seu fundo misterioso que alcança, embora em rápidos momentos, uma imagem do enigma da Vida e do Universo... E se uma alma sonhadora que se transporta, permitida a imagem, a um mundo diferente de ilusões e sensações, encarna um sofrimento que, por vezes, é intenso, em busca do alimento misterioso, que só proporciona a Dor, mas a Dor que é querida, esse vago e subconsciente desejo de sofrer, na inexplicável volúpia dum imaginação doentia...

E assim a Alma torna-se eterna — abraçada pela Loucura!

1934 — Julho.

Ilídio Proença.

Bastardos e bastardias

Pelo visto, parece que há, em Guimarães, alguém que se arroga o apodo de estrangeiros os indivíduos que não tendo nascido na cidade ou no concelho, tomam parte nos actos solenes que nela se realizam e, consequentemente, por força da lógica, assim devem, também, ser considerados os que lhe dão o seu concurso mental, material ou

A Vibora

Um dia, uma vibora, mordeu num pé A pérfida Cloé.

Perguntarão: Que succedeu A' pérfida Cloé?... Morreu?...

Isso morreu ela!... Mal sentiu a mordedela, Não teve febre, nem ardor, nem nada.

— A bicha é que morreu envenenada!

AUGUSTO GIL.

(Do livro — «Rosas desta manhã»).

beneficente, em qualquer transe, inclusive a colaboração na sua imprensa.

Ora, o apodo é impróprio e mal cabido, além de risível e infeliz, focando exuberantemente a intenção de amesquinhar e diminuir a personalidade dos que dão a Guimarães, na melhor das intenções, o seu auxilio, pouco ou muito, melhor ou pior, nos vários campos da actividade humana. Descortezmente, muito embora, mas mais apropriadamente, andaria o inventor do apodo se em vez de nos chamar estrangeiros nos apelidasse de bastardos, visto que, vimaranenses ou não, não perdemos a qualidade de portugueses. Não sendo filhos legítimos de Guimarães, poderemos ser bastardos; estrangeiros é que não. Posta a questão neste pé e admitindo, mesmo, que o nosso contendor não concorde comosco, o que é mais que natural mas, também, o que menos importa, vimos varrer a injustiça do apodo de bastardos ou, melhor ainda, mostrar que há uma bastardia mil vezes pior que a do nascimento: é a bastardia dos sentimentos. Da bastardia do nascimento não tem culpa aquele que à sua sombra foi gerado; nós, consequentemente, não temos culpa de não ter nascido no concelho ou na cidade e, muito menos, intra muros do seu castelo! A bastardia dos sentimentos, bem ao contrário, é sempre um acto voluntário, consciente ou inconsciente, do agente. E, agora, ocorre perguntar aos vimaranenses de sã consciência e de senso equilibrado e, muito especialmente, por maioria de razão, à elite vimaranense: não será abastardar os sentimentos essa gana de apodar de estrangeiros os que, não sendo filhos de Guimarães, lhe dão, generosamente, o seu concurso voluntário, em qualquer transe? Não será, também, bastardia de sentimentos negar a Guimarães a sua qualidade de hospitaleira de sempre? Não será, ainda, bastardia de sentimentos, um vimaranense, menosprezar a memória de João Franco, precisamente no dia em que a cidade inteira o homenageava, mercidamente, pelos altos serviços que lhe prestou, êle, que não era filho legítimo de Guimarães e que, para o caso, pode ser considerado um bastardo?

Não será, finalmente, o cúmulo da bastardia dos sentimentos civicos, esquecer ou ignorar que D. João I, bastardo por nascimento, depois da batalha de Aljubarrota, veio em romagem piedosa a Guimarães e lhe legou o «pelote» que envergava quando venceu os castelhanos, maravilha sem par, que Guimarães guarda, com justa ufania, no seu relicário augusto de Nossa Senhora da Oliveira? Sim. Tudo isso são bastardias de sentimentos, de educação, de cortezia e de civismo.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

A tua cruz...

*De mãos postas a rezar
Eu vi-te aos pés de Jesus!
Sei que lhe foste contar
As máguas da tua cruz!*

*Num murmúrio doce e brando,
Num soluçar tam baixinho,
Estiveste recordando
As falas de teu filhinho:*

*«Não sei, ó Mãe, p'ra que a gente
«Vem ao mundo, pequenino?...
«Andar tristinho e doente
«E finar-se inda menino!*

*«Escuta: quando eu morrer
«Vou viver junto aos anjinhos?...
«O Céu tam grande há-de ter
«Coisas lindas, brinquedinhos!*

*«E quando é que tu vais lá
«O tristinho visitar?
«Se no Céu houver maná,
«Quando for's, has-de provar...»*

*Não te sai do pensamento
Esse amor que te morreu!
E a tôda a hora e momento
Cuidas voar para o Céu!*

*Pedes a Nosso Senhor
Com tôda a alma, a chorar,
Que te leve ao lindo amor
Para o poder's abraçar!*

*Santa e dolorosa Mãe,
Teu sofrimento é profundo!
Fugiu-te o sol — o teu Bem —
Vives em trevas no mundo!*

*Quer's ir ver o teu bébé!
Tens razão!... Uma vez lá
Talvez que ele inda te dê
Nos seus beijinhos maná!...*

*Coitadinha! Até Jesus
Ao ver-te assim, a rezar:
Com pena da tua cruz
Picou na cruz a chorar!*

Agosto de 1934.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

Dos Livros. Dos Jornais.

«A questão Plácido»
por Mário de Castro.

Há tempos foi muito debatido na Imprensa um caso de grande retumbância em que era sobretudo focada a acção do sr. Eduardo Plácido na gerência administrativa de «A Mundial», companhia de seguros. Esse caso deu origem a uma questão jurídica, ainda afecta aos tribunais. Sobre um incidente desta questão escreveu o sr. dr. Mário de Castro as minutas que compilou no opusculo que tem o título que encima esta local, minutas em que revela os profundos conhecimentos profissionais que o impõem como figura de relêvo na advocacia.

Embora tardiamente, agradece-mos a gentileza da oferta.

O Cónego José Maria Gomes

O nosso prezado colega «O Desforço», de Fafe, publicou no seu último número, a propósito do aniversário do falecimento do saudoso Cónego José Maria Gomes, o seguinte:

Fez no domingo 14 anos que faleceu este homem de reconhecido valor e de merecimentos invulgares que na vida se impôs pelo seu talento, pela sua erudição e pela sua bondade.

Professor e orador, foi dos que no Liceu de Guimarães marcou pela superioridade do saber, a despeito de no seu tempo o corpo docente ser formado também por verdadeiros sábios que, sendo-o de facto, eram a modestia personificada.

O cónego José Maria Gomes era ainda admirado e apreciado pelo seu espírito alegre e liberal e pelo amor que tinha ao estabelecimento de ensino onde preponderava, pois, quando deputado, pugnou pelos seus interesses, que eram, simultaneamente, os da cidade vizinha e os da instrução. o que conseguiu, dando uma das vereações, como prova de reconhecimento, o seu nome ao largo fronteiro ao Liceu.

Esse homem de coração, esse carácter impoluto que alguns julgavam ser o terror dos estudantes mas que afinal só era um seu amigo porque os queria elevar a uma categoria superior de saber, o que hoje muitos dos que foram seus discípulos reconhecem pelas manifestações de saúde que promovem à sua saudosa memória era um grande amigo dos estu-

diosos e um desvelado protector das classes modestas, por quem tinha muita simpatia, pois ele, apesar da sua posição elevada, era modestissimo.

Saídosos tempos esses!
E morreu ele, esse vulto prestigioso, esse generoso cidadão por quem se alimentam ainda vivas saudades, há 14 anos, deixando um vácuo impreenchível.

Sobrevive, felizmente, procedente do mesmo tronco, um homem de grandes merecimentos e prestígio, que é seu dedicado irmão o sr. dr. Abílio Gomes, alma de eleição, como é affecto ao bem, prestimoso e bondoso, sincero e generoso, que não o esquece, que alimenta por ele a maior das saudades e que no dia 12 de Agosto de cada ano pratica actos de piedade, visita o seu túmulo e manifesta o imenso pesar que sente, parece que cada vez mais crescente em sua alma.

Como ele, nós cá estamos a manifestar a nossa saudade, levando em espirito à campa do grande morto, que foi nosso bom amigo, as flores da nossa eterna gratidão.

CAMISAS

Apresentamos sempre as últimas novidades.

Estão em exposição as camisas escocês, última criação

na Casa das Gravatas nas suas novas instalações.

Grande excursão à Exposição Colonial visitando também a Póvoa do Varzim

De acôrdo com a Companhia dos Caminhos de Ferro «Norte de Portugal», no próximo dia 2 de Setembro, domingo, será levada a efeito uma grande excursão de Guimarães, pela Póvoa de Varzim, à Exposição Colonial, Pôrto, juntando-se desta maneira ao agradável o conhecimento prático do valor do nosso Império — visita da Terra-mater de Portugal aos seus vastos domínios ultramarinos.

Por isso, de esperar é que os vimaraneses não deixem de acorrer ao apêlo que se lhes dirige, dada a barateza de preço da viagem, incluindo a entrada na Exposição, e também a única oportunidade de manifestar o seu reconhecimento a todos quantos, em terras longínquas, se esforçaram por dignificar o nome de Portugal.

O horário provável da viagem será:

Partida de Guimarães às 7 horas.

Chegada à Póvoa às 9 horas.
Partida da Póvoa às 14 horas.
Chegada ao Pôrto às 14 horas e 45 minutos.

Regresso do Pôrto à meia hora.

A inscrição far-se-á nas seguintes condições:

1.ª Os preços da viagem, incluindo o bilhete de entrada no recinto da Exposição, são de Esc. 21\$00 para 400 pessoas e de Esc. 18\$00 para 500 pessoas.

2.ª Não se efectua a venda de meios bilhetes, facilitando-se todavia a venda de 1 bilhete para 2 crianças. As crianças de idade até 4 anos não pagam bilhete.

3.ª O prazo da inscrição termina em 25 do corrente, sendo entregue no acto da inscrição um bilhete provisório, que poderá ser substituído pelo bilhete definitivo de 30 ao dia 1 de Setembro.

4.ª O pagamento é feito adiantado, na importância de Esc. 21\$00, sendo cada pessoa reembolsada de Esc. 3\$00 logo que o limite atinja 500 lugares.

5.ª Para boa elucidação, aconselha-se aos inscritos a levarem farnel a fim de evitar gastos supérfluos.

6.ª Não havendo o número suficiente para a organização do comboio, a excursão não se realizará.

7.ª Os bilhetes encontram-se à venda nos estabelecimentos comerciais de Braga & Carvelho, Cafés Oriental, Tournal e Sport, Leitaria, Pastelaria Vitória, Silvino Alves de Sousa, António Fernandes Júnior — Casa Saganha, da Cruz de Pedra, João Bravo, da Rua Trindade Coelho, Casa das Novidades, Manuel Machado, da Rua de D. João I, José André, do Cano, José Teixeira, de Urgez, Manuel Silva — Marca 5 — de Creixomil, Eduardo Ribeiro da Cunha, da Costa, Antiga Casa Rebelo, Senhora da Guia, e Costa & Irmão, S. Dâmaso.

8.ª É facilitado o pagamento em 2 prestações.

Visado pela Comissão de Censura.

RISOS

*Os risos? Quanto não fingem!
Quanto o prazer nos engana!
São as lágrimas que tingem
Os fios da vida humana.*

G. Junqueira.

I

*Vi-te um riso de maldade
Nos lábios que ao pousar, tingem.
Esse riso era verdade?
Os risos... quanto não fingem!*

II

*Não rias eternamente,
Boneca de porcelana.
Olha a chorar tanta gente...
Quanto o prazer nos engana!*

III

*Colos lindos, sufocados
Nas desgraças que os tingem.
Orvalhos ensanguentados
São as lágrimas que os tingem.*

IV

*Ámanhã — dia fatal —
A desgraça negra, insana,
Corta, a rir como um jogral,
Os fios da vida humana.*

Agosto de 1934.

SILVA FERREIRA.

Um bronze na Penha

Ao Velho Amigo e distinto jornalista
Sr. JERÓNIMO SAMPAIO.

*«Recordar é reviver»
Coisas da nossa afeição!...
Como se pode esquecer
O que lembra o coração?!...*

*Gritais sagrado dever
De perpetuar gratidão
A'quele que soube ser
Um poeta de eleição.*

*Que viva no Alto da Penha
Bráulio Caldas — consagrado:
Poeta das «Andorinhas»*

*Dai-lhe o bronze que contenha
O cântico maguado
Da Fonte, em tardes mansinhas...*

Pôrto, 2-8-934.

FREITAS SOARES.

PARA CRIANÇA

Camisas de malha desde 8\$00

apresenta

Camisaria Martins

Novidades

«Canção Colonial»

Assim se intitula a última e recente obra da distinta professora de piano, sr.ª D. Raquel da Silva Lisboa Tavares, que teve a amabilidade de nos mimosear com o seu interessantíssimo trabalho de melodia simples, mas inspirada.

D. Raquel Tavares foi muito feliz nesta sua nova produção, que é recomendável a todos os jovens pianistas e, também, a todos os portugueses.

A ilustre poetisa D. Ludovina Frias de Matos escreveu os primeiros versos que acompanham a música, e, como sempre, revelou-nos o seu talento e a arte que possui de escrever bem.

A valsa «Canção Colonial» encontra-se à venda, nesta cidade, na Casa das Novidades.

Nally e Benamôr

Visitem a exposição destes acreditados produtos de beleza, na Casa das Gravatas

O casamento dos pobres

O casamento dos pobres vai ser facilitado com a redução dos emolumentos.

É uma medida que se impunha.

Talvez disso não resulte um sensível aumento na estatística dos casamentos. Mas favorece-se com justiça os nobentes pobres e vai-se ao encontro de muitas reclamações.

Animula vagula, blandula...

(Notas e Cartas de um Médico da Província)

(11)

Do S. João ao S. Tiago:

O hábito não faz o monge — poucas vezes o corpo reveste a alma do mesmo corpo. Como separa corpo e alma certo bufão e macabro antagonismo.

Tragédia hilariante, na rivalidade sopitada de temíveis adversários, sempre conjuntos e sempre em dissidência!

Mas ai de nossas malas artes se conseguissem, na obra inteligentemente confusa e leviana da criação, estabelecer o equilíbrio da harmonia, o reajustamento perfeito de cada alma a seu corpo, do corpo à sua alma! Se o homem é assim! E, então, surgiria a monotonia letal, suicida, da humana gente, deshumanizada — cortava-se à vida a contradição e a reagência, que são a própria vida...

Já o pensarmos ser o que não somos, nos julgarmos outros do que somos, ou só nos deliciar e apetercer uma existência diversa, muito ambicionadilha, de nossa real existência, detestadamente aborrecida — temas clássicos em literatura —, são meros episódios do imenso dualismo, nascido com o homem, e a durar com ele até à morte; fenómenos, mais apreensíveis, da caprichosa junção e do não menos caprichoso apartamento, em um só homem, de dois homens distintos e inimigos. As alucinações da personalidade, quando se desdobra no eu e em outro eu, que logo nos dizem senão dois eus em um só?

Advertem os provérbios como, de ordinário, não afinam o nome e a careta, a roupa e a pele, o rosto e o coração.

E que singulares contrastes! Conheci um padre, reitor de importante freguesia urbana, que tinha a alma secamente fria e analista do médico, e sei de colegas com a mística alma dos teólogos; certos lavradores, nomeadamente minhotos e beirões, conduzem nas lavras e plantos a suave alma idílica dos paisagistas, e admiráveis pintores da eclogia pastoril e serrana com a metálica alma dos industriais; letrados em direito da mais simplice ingenuidade campônia, e montezinho, boçalmente rude, herói na chicana trapaceira; homem da mestreiragem plebeia com sentido e gosto e delicadas maneiras do fino artista, e consagrados artistas profissionais com a bruteza reles do ignorantão.

D. Quixote e Sancho Pança não são dois homens, mas o mesmo homem (creio já o ter lido algures). D. Quixote está em Sancho Pança, tanto como Sancho Pança em D. Quixote. O diálogo, ao pleitearem-se de razões acres, é aquele nosso monólogo de todos os dias, ao deitar ou ao levantar, quando passamos exame de consciência ao feito e ao não feito, em crítica de nossos actos. D. Quixote é a ideia que parte, Sancho a mesma ideia... na volta da jornada! A ilusão e a vida, o sonho e a realidade, o homem e o meio. A alma e o corpo. Nossas ideias, espontaneamente generosas e aladas, têm o signo quixotesco da aventura errante — e como elas, coitadas, se deformam e rotundam, se balofam e enpançam!

Em catecismo, doutrina ou moral religiosa, é o Bem e o Mal, a luta entre o Bem e o Mal. A Inocência e o Pecado. Anjos ou Demónios. Eleitos ou Répobros. A forma comesinha e mais vulgar no dualismo tremendo. Então, a vida é relativamente fácil — corpo e alma são dois personagens distintos, mas que se completam e identificam. Não há surpresas do eu, cortado em dois eus (todavia como dois irmãos gémeos que se detestam, Abel e Caím); há as surpresas e as vicissitudes, os incidentes, as fortunas e desfortunas do mundo e da vida. Simplicidade aliás complexa, em que Freud veria a libidinose das conjugações sexuais no mesmo indivíduo: o corpo — o elemento viril; a alma — o elemento feminino... Não é certo haver as melhores, mais altas e mais puras qualidades da mulher, nos sentimentais e românticos?

A alma dos homens... A alma dos homens deve ser, certamente, a alma humana, com tôdas as humanas fraquezas. Realmente, ela sofre doenças; tem idades — não encontramos, já encardidas e gastas, velhas almas antigas, em rapazes novos, e tantos sexagenários de alma juvenil? — e humores versáteis. Quantas vezes, atraídos pela beleza, fascinados pela forma, sedentos de perfeição e harmonia, não vamos descobrir, na deusa resplandecente e sublime, na estatúria assombrosa, mármore de carne palpitante, com horror e nojo, o vazio sujo e escuro — nada lá por dentro, em espírito e sentimento. Não foi dissecando o corpo nú e branco, delicado e casto, da Verdade, que se encontrou o coração vermelho e pujante da Mentira? em tôdas as células do cérebro do mentiroso, imensas e perigosas verdades, as únicas verdades que a Verdade não consente?

A alma é alada. Libra-se no espaço. Imigra, em certas horas, e, quando regressa, não vem e não é a mesma alma. Também lhe correram aventuras, que a deprimem e exalçam, incidentes que a transfiguram, encontros onde se apaixonou, e a tristeza, e o desengano, e o tédio. A's vezes perde-se — e não volta. O corpo fica por largos tempos sem alma e à espera de alma, até que outra, noctambula e desgarrada, alma fugida, alma em pena, ou nova alma no ensaio do vôo, enxerga o ninho deserto e o escolhe para sua morada de acaso. E anda o homem com outra alma. Quantas mutações e transfigurações se não dão assim, e que nós não sabemos como explicar! E, certo dia — porque já tem acontecido —, a outra alma primeira, largo espaço ausente, erradia e cosmopolita, por fadiga nostálgica ou no remorso enganoso da saúde, retorna ao lar, regressa ao corpo donde partiu. As duas encontram-se, fitam-se como o dono da casa ao salteador, lutam por despejar-se, e o homem tolambeara com duas, com várias almas, sem já distinguir qual a sua verdadeira — hotel da barafunda ou casa de fantasmas —, servo e escravo de tôdas.

EDUARDO D'ALMEIDA.

A agressão em Infias

Acêrca da grave desordem ocorrida em Infias, a que noutro lugar fazemos referência, e a propósito duma notícia de Vizela publicada em «O Século», de 12 do corrente, procurou-nos o sr. José Lopes de Freitas, que nos disse não ser verdadeira a notícia em referência, porquanto a espera foi feita por António Lopes da Cunha que, algumas vezes procurou, em sua própria casa, o Joaquim Lopes de Freitas, ameaçando-o por palavras.

Ignora o pobre pai se a ferra-

menta que serviu para a prática do crime pertence a seu filho ou ao Cunha ou, ainda, se são objectos de ambos.

Diz-nos também que o seu filho nunca foi conhecido por *assassino* e, como ele, nunca andou envolvido em desordens que pudessem dar-lhe tal apelido. O António da Cunha é conhecido por *Sanana* e ignora a sua conduta antes do crime.

Disse-nos ainda:

— Um e outro atribuem as culpas ao seu rival e as testemunhas são também de opiniões

Da Cidade

A comemoração da Batalha de Aljubarrota—Na forma dos anos anteriores e a expensas da Câmara, realizou-se na terça-feira a patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota, no Padrão de Nossa Senhora das Vitórias, a que assistiram a C. A. da Câmara, Administrador do concelho e demais autoridades civis, militares e eclesiásticas, corporações religiosas e civis, pessoas de representação na letras, no comércio, na indústria e em outros ramos de actividade, muitas senhoras e povo.

Foi celebrada missa campal, acompanhada a vozes e órgão, pelo Mgr. João Ribeiro, tendo pronunciado ao evangelho uma brilhante alocução o rev. Abade de Anta que historiou o feito dos Portugueses em Aljubarrota, descrevendo os bravos heróis da Batalha.

Falou depois do culto a Santa Maria da Oliveira, e da visita de D. João I ao seu Santuário, junto ao qual se comemorava, naquele momento, uma das mais belas páginas da história Pátria.

O orador terminou o seu discurso num hino cheio de Fé e de Patriotismo ao Portugal dos Descobrimientos e das Conquistas, à gloriosa terra de Santa Maria.

No mesmo dia, à noite, muitos prédios da cidade estavam iluminados, em obediência a uma velha tradição de Guimarães.

Festa da Padroeira—Na quarta-feira, dia 15, realizou-se, com muita imponência, a festividade da Padroeira da Cidade, tendo havido missa cantada, de manhã, e sermão pelo rev. Abade de Anta que fez, com muita eloquência, o panegírico da Virgem.

Ao fim da tarde saiu a majestosa Procissão, a que presidiu o rev. Arcebispo de Bombaim.

No Cortejo encorporaram-se, várias irmandades e confrarias da cidade, grande número de figurado, Seminário da Costa e Clero, fechando o préstito a Banda dos B. V.

Atraz do pátio seguia o digno Juiz da Irmandade, o nosso bom amigo sr. João Baptista de Sousa.

Cónego José Maria—Em comemoração do 14.º aniversário do falecimento deste prestantíssimo cidadão, celebrou-se, na segunda-feira, uma missa no Templo da Misericórdia, a que assistiram alguns amigos do saudoso morto, que foi Deputado da Nação e um verdadeiro amigo da nossa Terra.

Dia do Bombeiro—A Corporação dos B. V. de Guimarães comemorou ontem o «Dia do Bombeiro» com diversas manifestações de regosijo, tendo realizado, à noite, na sua Parada, uma sessão de cinema ao ar livre, concerto pela Banda da Corporação e uma parada de viaturas e material de incêndio.

A concorrência foi numerosa.

Liceu Martins Sarmiento—O número de alunos matriculados neste estabelecimento de ensino, para o próximo ano lectivo, é de 207, bastante superior ao dos anos transactos.

Saúde pública—Ao sr. Delegado de Saúde apresentou-se a enfermeira visitadora, sr.ª D. Maria Carolina Ferreira da Conceição que já se encontra no exercício das suas funções, junto dos estabelecimentos fabris.

—Como já tivemos ocasião de noticiar, foi instalado na Casa dos Pobres um excelente balneário, melhoramento este que mereceu a atenção da Direcção Geral de Saúde.

Nesse balneário que funciona já, sob a direcção do sr. Delegado

diferentes, quanto à provocação e à pertença da ferramenta.

O tribunal o dirá.

do de Saúde, tem sido feita a desinfecção de muitos pedintes e, em recinto apropriado, o seu despoalhamento.

Isto representa um grande benefício para a Saúde Pública que tem merecido, embora julguem que não, a atenção das pessoas encarregadas de velar por ela.

Vinhos verdes—A C. A. da Câmara comunicou às Juntas de freguesia que deliberou:

Elevar ao máximo permitido por Lei, o imposto indirecto sobre vinho vendido para consumo, no concelho, concedendo uma redução de cinco centavos, por litro, aos vendedores retalhistas, quando provem que o vinho foi produzido no concelho.

Colónias balneares—Partiram ante-ontem para a Póvoa de Varzim os internados das Oficinas de S. José, desta cidade.

Banda José Estêvam—Visitou Guimarães, na segunda-feira passada, este afamado agrupamento artístico da linda Veneza Portuguesa, que realizou, das 24 horas até à 1,30 do dia imediato, um primoroso concerto no Jardim Público, atraído ali, não obstante a hora tardia, numerosas pessoas.

Que o concerto agradou, provaram-no as estrondosas salvas de palmas com que a assistência coroou as peças executadas.

O sr. António José Pereira de Lima, digno Administrador do Concelho, mandou servir, no final do concerto, uma ceia aos componentes da referida Banda, a qual teve lugar no Restaurante Teixeira Mendes, decorrendo com muita animação.

Felicitemos o digno regente e componentes da Banda José Estêvam, pelos momentos de prazer espiritual que vieram proporcionar-nos.

Recreando—Saíram ontem, para o seu grande passeio anual, os componentes do grupo «Os Infalíveis», que vão cantar por terras de Portugal as belezas da nossa terra.

—O grupo local «Coração dos Perdidos» inicia hoje o seu 5.º passeio de confraternização anual, percorrendo hoje e amanhã, as seguintes terras: Póvoa de Lanhoso, S. Bento da Porta Aberta, Gerez, Abadia, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Monção, Valença, Caminha, Viana do Castelo, Barcelos e Braga.

—Também o grupo recreativo «Vinte Amigos... até ver!» leva hoje a efeito o seu passeio anual, com o seguinte itinerário: Guimarães, Famalicão, Póvoa de Varzim, Espozende, Fão, Viana do Castelo e Ancora.

A todos, desejamos boa viagem.

Aniversários—Fez anos, na sexta-feira, a menina Maria Carolina, filha do nosso amigo sr. dr. Mário Dias. Parabéns.

—Fez ontem anos o nosso amigo sr. António Augusto de Almeida Carneiro. Felicitemo-lo.

Fonte artística—Foi inaugurada ante-ontem, numa das extremidades do Jardim Público, uma artística Fonte de granito encimada por um Fauno modelado em bronze, cujo projecto é da autoria do sr. António Azevedo, distinto escultor e director da Escola «Francisco de Holanda», desta cidade.

Trata-se de um importante melhoramento que muito fica a embelezar aquele recinto.

Felicitemos o sr. António Azevedo pelo seu feliz trabalho.

Os operários das Fábricas do Pevidem visitam a Exposição Colonial—Foram ontem visitar a Exposição Colonial, fazendo-se transportar em combóios especiais, muitas centenas de operários do importante centro fabril do Pevidem, tendo esta tam simpática excursão sido promovida e levada a efeito pelos proprietários das numerosas fábricas daquela laboriosa povoação.

José Guise—Por lapso não dissemos, na notícia do funeral

do nosso saudoso conterrâneo sr. José Guise, que o sr. António José Pereira de Lima, um dos maiores admiradores da Banda de que o extinto era sub-regente, fez no cemitério, antes do cadáver baixar à terra fria, um discurso, pequeno embora, em que destacou a figura daquele modesto homem que ia a enterrar.

—Na sexta-feira foi celebrada, perante numerosa assistência, no templo das Domínicas, a missa do 7.º dia por alma de José Guise.

Doente—Tem passado incomodado, encontrando-se já, felizmente, em vias de restabelecimento, o nosso amigo, sr. António Leite Pereira da Silva. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Desastre de viação—Na terça-feira, um automóvel de Lisboa atropelou, numa das ruas da vila de Vizela, a menor Rosa de Oliveira, filha de Francisco da Mota e de Engrácia de Oliveira, que ficou gravemente ferida, tendo recolhido ao hospital.

Pedido de casamento—Pelo nosso prezadíssimo amigo, sr. João Rodrigues Loureiro, sócio da importante casa Bento dos Santos Costa & C.ª, foi pedida em casamento, para o sr. António Gomes da Costa, filho do sr. Artur Gomes da Costa, importante industrial de Joane, Famalicão, a sr.ª D. Maria Eduarda da Cunha Guimarães, gentil filha do nosso conterrâneo e abastado capitalista, sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães.

Aos noivos desejamos, desde já, as maiores felicidades.

Veraneando—Encontram-se a veranear, na Póvoa de Varzim, os nossos amigos srs. P.º Augusto Borges de Sá, P.º Avelino Borda, e António Soares Barbosa de Oliveira e sua família.

—Para as suas propriedades de Gandarela de Basto partiu, com sua família, o nosso amigo sr. António da Mota Teixeira Bastos.

—Em Coimbra encontra-se a nossa ilustre conterrânea, a sr.ª Dr.ª D. Edwiges Machado.

—Em Ribeiros, Fafe, encontra-se, com sua família, o nosso querido amigo sr. José Dias de Castro.

—Também seguiram para a Póvoa de Varzim, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Gaspar Lopes Martins, António Emílio da Costa Ribeiro, desta cidade, e Alvaro d'Almeida, de Moreira de Cónegos.

Leite apreendido—Há dias, foi feita nas barreiras da cidade uma rigorosa fiscalização ao leite, sendo apreendida grande quantidade deste género, por ser considerado impróprio para consumo, e detidas as respectivas leiteiras.

Romaria de Santo Ovídio—Realiza-se, hoje, na ridente vila de Fafe, a tradicional romaria de Santo Ovídio, que se venera na sua ermida, situada no mais pitoresco local de todo o concelho.

A missa solene, a grande instrumental, está marcada para as 10 horas. De tarde, haverá concerto popular no Parque da Irmandade, pela considerada Banda dos Bombeiros Voluntários de Fafe (Golães).

Para comodidade do público, a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte, faz paragem, no local da festa, dos seus primeiros combóios ascendentes.

Agressões—Por uma questão de namoros, agrediram-se, mutuamente, em Infias, António Lopes da Cunha e Joaquim Lopes de Freitas, tendo ficado ambos em estado grave.

—Na noite de domingo deu-se uma grave desordem, em que teve de intervir a polícia, saindo ferido da contenda um indivíduo de nome Moisés da Silva, que recolheu ao hospital da V. O. T. de S. Domingos.

O caso foi entregue ao Poder Judicial.

—No penúltimo sábado, de tarde, deu-se uma cena de tiros na Fábrica de Cortumes da rua Trindade Coelho, pertencente ao sr. Eduardo Torcato Ribeiro.

João Vieira, casado, 39 anos, pegou na sua arma caçadeira, e, entrando na fábrica, disparou três tiros que foram atingir José Marques Ribeiro, de 13 anos, morador na rua Trindade Coelho, o qual foi pensado no Hospital da Misericórdia, assim como Francisco Tadeu Ribeiro, casado, surrador, 23 anos, residente no largo do Serralho, e que foi agredido à sacholada por Francisco José Teixeira. Este foi preso pela Guarda Republicana, que tomou conta do caso.

—Na freguesia de Brito, deste concelho, Manuel de Oliveira espancou, violentamente, sua mulher, após uma zanga.

—Na mesma freguesia envolveram-se em desordem, há dias, após uma troca de palavras, José da Silva Freitas, e um tal Avelino «Corneta», ficando o primeiro bastante ferido na cabeça. Recolheu ao Hospital da Misericórdia.

—Em S. Martinho de Sande, (Taipas), Leodiano Exposto, casado, vendedor ambulante, agrediu à facada, e a varapau, na noite de quarta-feira, Joaquim Fernandes, que recolheu ao hospital desta cidade.

Incêndios—Na segunda-feira, às 21 horas, houve princípio de incêndio na casa do sr. Tomaz Fernandes, no Largo dr. Alberto Sampaio.

—Na terça-feira houve um violento incêndio numas cortes da Quinta de Lagares, freguesia da Costa, propriedade do nosso querido amigo, sr. dr. Jerónimo Rocha.

Notícias pessoais

Dr. Eduardo d'Almeida

Esteve entre nós, regressando novamente à Póvoa de Varzim, onde se encontra com sua família, o nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. dr. Eduardo d'Almeida.

João Teixeira de Aguiar

Com demora de alguns dias, partiu ontem para Lisboa o nosso querido amigo, sr. João Teixeira de Aguiar.

Dr. Fernando Chaves

Com sua família, partiu, para a Figueira da Foz, o nosso querido amigo e distinto professor da Escola Industrial e Comercial, sr. dr. Fernando Lopes de Matos Chaves.

De visita ao seu e nosso bom amigo, sr. Fernando da Costa Freitas, estiveram, há poucos dias, nesta cidade, os srs. Raúl Santos e Carlos Correia, distintos funcionários superiores da Sede da Companhia de Moçambique.

—Com sua esposa seguiu, para Fermil de Basto, o nosso bom amigo e estimado professor da Escola Industrial de Viana do Castelo, sr. Amadeu Almeida.

Falecimentos

Faleceu a sr.ª Isaura da Silva Bastos, extremosa filha do nosso amigo e estimado Patrão dos B. V., sr. José Crisóstomo da Silva Bastos, a quem, como à restante família dorida, apresentamos os nossos pésames.

—Na avançada idade de 72 anos, faleceu a sr.ª D. Ludovina Rosa Rodrigues do Vale, tia do nosso bom amigo, sr. João António Sampaio, a quem apresentamos as nossas condolências.

O funeral da extinta realizou-se, com numerosa assistência, na capela do Cemitério Municipal, na sexta-feira passada.

CASA

Compra-se uma casa pequena. Falar nesta redacção.

Do Concelho

C. das Taipas, 9.

A Empresa Termal e os pobres

Não pode passar sem o nosso reparo a maneira como a Empresa Termal está a proceder para com os pobres que carecem de fazer uso das nossas águas.

Uma das cláusulas do contrato de arrendamento feito à Câmara municipal impõe à Empresa a obrigação de, gratuitamente, conceder banhos aos pobres mediante a apresentação do respectivo atestado de pobreza, passado pela Junta de freguesia e confirmado pelo Administrador do Concelho.

Não obstante esta formalidade, a nosso ver suficiente para tal fim, exige agora a Empresa Termal, uma certidão da Fazenda Nacional, comprovativa de que o interessado não possui bens nem paga contribuições.

Ora esta inovação que acaba de surgir acarreta graves prejuizos a esses infelizes, porque, vindo muitos de longínquos paragens,—e sabe Deus com que sacrifício—ou têm que voltar à sua terra munir-se dessa certidão, ou permanecer aqui à espera que de lá lhe seja enviada por alguém.

Mais ainda: Reunidos esses documentos são entregues ao fiscal da Empresa que os manda para o Porto, a despacho do director sr. A. Monteiro de Azevedo.

E entretanto que neste vai-vem andam tais documentos, esses desgraçados por aqui ficam a fazer um dispêndio que não podem suportar, vindo-se na triste necessidade de estender a mão à caridade pública.

Tudo isto, além de detestável e revoltante, é desumano e criminoso!

Se algumas Juntas menos escrupulosas passavam atestados falsos, tirem-lhes a responsabilidade. O que não há é o direito de tanto desdenhar do pobre; bem lhe basta a sua miséria!

Será com estas e outras medidas de carácter verdadeiramente mesquinho que o sr. Azevedo procura atrair maior número de acqúistas e aumentar a receita da Empresa de molde a poder distribuir algum dividendo aos accionistas?

Não. Antes—como é triste!—nós vemos tudo isto a resvalar abruptamente para um abismo, podendo chamar-se-lhe, com toda a propriedade, o *coqueiro* desta outr'ora florescente e frequentadíssima estância termal.

C.

S. Torcato, 15.

Comentários escolares—Outras notícias

Na quarta-feira da semana passada, veio, a este centro, o dedicado propagandista da Instrução, sr. Américo Cardoso, que fez grande propaganda para que os pais mandem os filhos à escola primária. Felicitemos aquele sr. pela nobre ideia.

Queríamos, porém, que aquele sr. dissesse mais alguma coisa, mas esqueceu-se:

Que se referisse à criação de uma cantina em cada escola, que fornecesse uma refeição, pelo menos, às crianças pobres.

Que superiormente fôsse determinada a distribuição gratuita de livros, papel, tinta e mais utensílios escolares, necessários às crianças pobres, pois seus pais não têm dinheiro para lhos comprar.

Que quem superintende nas escolas, proíba a mudança de livros escolares que já estejam adoptados em cada escola, porque traz enorme prejuizo aos pais das crianças o terem, por efeito de substituição de professores, de comprar nova remessa de livros; nem tão abastada está a população modesta para que por um simples capricho de qualquer senhor ou senhora, que de novo venha para reger a escola, não queira adoptar os livros usados pelos seus antecessores.

Ex.: um professor quer do Figueirinhas, outro quer de João Grave, etc., etc. Isto é que as autoridades superiores devem reprimir. Tudo é aprender a ler, quer seja em livros do autor Pedro ou do autor Paulo. Não é isto verdade?

—O proprietário desta freguesia, sr. António Martins, sógro do nosso amigo sr. José António Fernandes, construiu um belo jazigo no cemitério local. Felicitemo-lo.

—O vinho, nesta freguesia e outras próximas, vende-se por pipa, ao preço de 150,000 a 250,000.

—Seguiu para a Póvoa de Varzim, a passar a época balnear, o proprietário e capitalista desta freguesia, ex.º sr. Joaquim Lindoso, acompanhado de sua ex.ª esposa a senhora D. Rosa Martins Peixoto. Fazemos votos para que rapidamente se restabeleça.

—Na pretérita segunda feira, veio da cidade residir para a sua linda vivenda de Agra, acompanhado de sua ex.ª família, o abastado proprietário e capitalista, nosso estimado amigo, sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa. Apresentamos-lhe os nossos respeitosos cumprimentos de boas-vindas.

—Procedente da cidade do Porto, veio, na última terça-feira, visitar este risonho centro de Turismo, uma excursão, que, após a visita feita ao nosso milagroso S. Torcato, se fez servir um magnífico almôço na Pensão Restaurante Central do sr. Leite.

Rampal.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.ª página do nosso jornal.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

EM S. TORCATO

A Pensão-Restaurante Central, de Manuel da Silva Leite, fornece almoços, jantares e serviço à lista a excursionistas, turistas e romeiros, ao ar livre e a preços convidativos. Aceitam-se comensais. — Magníficos aposentos. Recomendam-se os vinhos verdes da cave desta casa.

OFICINA DE PINTURA ARTE DECORATIVA

de M. Pereira de Moura

Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, tanto no Pôrto como na província. Pintura de prédios, taboletas, letreiros luminosos, painéis a óleo e trabalhos a ouro e prata. Consertam-se louças antigas e outros objectos de valor estimativo. Informa-se nesta redacção.

957, R. Fernandes Tomaz, 959 PORTO 32, Rua do Estêvão, 34

Tipografia Minerva Vimaranesense

Rua 31 de Janeiro GUIMARÃIS

Impressões em todos os géneros.

A IMPERIAL TOURAL, 117

(antiga Casa Rebelo)

Completo sortido em Miudezas, Modas, Novidades, Malhas e Perfumarias.

VENDAS A DINHEIRO. PREÇO FIXO.

FOTOGRAFIA BELEZA

A esta casa revendedora dos afamados produtos AGFA, podem os Ex.^{mos} amadores confiar os seus trabalhos, pela rapidez na execução e perfeito acabamento.

Todos os trabalhos são entregues no prazo máximo de 24 horas.

EDITAL

A Comissão Venatória Concelhia faz público, para os devidos efeitos, que de harmonia com o estabelecido no parágrafo 6.º do artigo 55 do Decreto n.º 23461, publicado no «Diário do Governo» n.º 185, 3.ª Série, de 9 do corrente, a caça à lebre, neste concelho, é restringida ao sistema «corricão», na próxima época venatória.

Guimarães e Secretaria da Comissão Venatória Concelhia, 12 de Agosto de 1934.

O Presidente,

Alberto Costa.

CASAS

Vende-se a casa onde habitou a falecida D. Rosa Dias, na rua do Gravador Molariño, com mobília ou sem ela, e a casa junta, na rua do Espírito Santo, podendo mostrá-las e recebendo propostas o sr. Casimiro Martins Fernandes, da casa Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª, Toural.

Reserva-se o direito de não aceitar nenhuma proposta, se não convier.

Para acadêmicos

Recebem-se académicos dos primeiros anos do Liceu, em casa particular, com óptimo tratamento.

Falar nesta redacção.

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Casa de Santa Teresinha

Papelaria. Artigos Religiosos.

CASA

Aluga-se uma grande casa com quintal na Rua de Santa Maria com os n.ºs 28 a 32.

Para informar: João da Silva — Rua da República, 147.

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

R. 31 de Janeiro -- GUIMARÃIS

A CASA SALGADO

REFLECTE-SE EM TODOS OS LARES E INTERESSA GRANDEMENTE

BOM SORTIDO. PREÇOS MINIMOS. BÓNUS MENSAIS.

Por tão comprovadas razões, devem V. Ex.^{as} preferir

A CASA SALGADO

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

GUIMARÃIS -- R. 31 de Janeiro

BÓNUS MENSAIS — Julho: Foram contemplados os nossos clientes do dia 7. Recebem, portanto, em fazendas à sua escolha, metade do valor do talão que lhes entregamos naquele dia.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCISCO

Ex.^{mo} Snr.

Louis de de Mantua Samerit

GUIMARÃIS